

12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

DEZ 1986

SENADO FEDERAL
Cartas marcadas

A bem urdida estratégia peemedebista destinada a dedicar ao senador Néilson Carneiro a presidência do Senado no ano primeiro e único da Constituinte entrou em rota de colisão com as pretensões irredentistas do ex-governador do Espírito Santo, o recém-eleito senador Gérson Camatta.

Neófito quanto aos padrões de negociação há muito consagrados pela Câmara Alta, Camatta acreditou poder desfraldar impunemente a bandeira da sedição, advogando, em tonitroante voz, o direito de os novos senadores que desembarcarão nas confortáveis poltronas azuis de couro pesarem decisivamente na eleição do presidente do Senado.

Apesar de político hábil, o ex-governador capi-xaba, talvez propositalmente, quem sabe lá, cometeu um ato no mínimo desastrado. Pelo menos na aferição de velhos senadores, que fazem questão de rotular o Senado como templo de tranqüilas conversas que levam, sempre, a decisões as mais convenientes.

Preocupados, alguns senadores não conseguem esconder que a tomada de posição de Gérson Camatta foi estouvada. O desgosto, entretanto, é de calibre curto pois, paralelamente ao fato, cultivam a certeza de, em pouco, domesticar o jovem senador, introduzindo-o na delicada arte da imperiosa necessidade de, acima de tudo, confabular.

Convenientemente reciclado, Camatta, acreditam esses senadores, tomará, de consciência aplacada, partido ao lado de uma das duas candidaturas postas. As dos senadores Néilson Carneiro e Humberto Lucena, solidários disputantes de uma prova que, no momento, oferece pista favorável ao velho parlamentar do Rio de Janeiro.

Páreo que, pelas equações hoje manipuladas nas entranhas do Senado, é favorável a Carneiro, por contar com o endosso, considerado decisivo, do influente grupo do senador Alfredo Campos, ainda majoritário no âmbito da bancada do PMDB. E de sabor palatável ao Partido da Frente Liberal, carente de número para influir na disputa de cartas marcadas.

A convicção dos senadores peemedebistas é tamanha em relação ao arrefecimento dos atos impulsivos, não só de Camatta como os que porventura venham a assolar outros novos senadores, que, em manobra dissuasiva, procuram, com a necessária antecedência, ensinar que os dois disputantes sequer estarão disputando a vitória no dia da eleição da mesa diretora do Senado.

Experientes, os velhos parlamentares já anunciam que Carneiro e Lucena, independente de estarem cabalando votos para embolsar a presidência, celebrarão, como recomenda a tradição, um acordo de cavalheiros, não sendo sequer necessário disputar, à base de votos, o cargo em jogo. Realidade de todo indesejável, em virtude de os membros da Casa, a partir do ano que vem, necessitarem de um blindado de *esprit de corp* para fazer frente ao desejo da significativa parcela da Câmara de extinguir o Senado.

Se o ex-governador do Espírito Santo vai apascentar seus ímpetos e enquadrar-se na bitola que rege o funcionamento aveludado do Senado, esta, por enquanto, é uma indagação ainda sem resposta. Mas que, desgosto dos atuais senadores posto de lado, não vai ter o peso atômico necessário para grimpar as regras do jogo e consagrar uma candidatura alternativa.

WILSON TEIXEIRA SOARES